

O MOINHO DE PEDRA

Alaor Chaves

Na cidade de Goiás Velho, a história incomum de Herculano Nepomuceno só não era contada com mais frequência porque todos os moradores a conheciam. Mas, nos bares, pensões e hotéis, um visitante da cidade dificilmente deixaria de ouvi-la, em narrativas ornadas com adendos que continuavam se acumulando com o tempo. Ouvi-a quatro vezes, com as divergências de praxe. Registro-a neste texto, antes que os fatos se diluam em fantasias, como soe acontecer com toda crônica que se perpetua por narração oral. Não se pode estar seguro dos detalhes dessa história bizarra, mas creio ser possível contar o essencial sem incorrer em erros graves. A precisão na minúcia é irrelevante quando os fatos essenciais são coerentes e merecedores de registro. Expresso as quantias em números inteiros que conciliam as cifras divergentes que ouvi, e omito detalhes que podem ser meras fabulações.

As tribulações de Herculano começaram depois de uma viagem a Uberaba. Ele vivia uma rotina diligente, embora sossegada, em sua fazenda nas imediações da cidade, que na época era capital do estado de Goiás. Plantava roça, criava gado, porcos e galinhas. Era mais do que remediado, segundo alguns narradores era até abastado. Era dado a caridades e a citar passagens da bíblia. A cada três ou quatro anos, Herculano fazia uma viagem a Uberaba, onde os fazendeiros sempre criavam novidades na criação de gado. Em visita a uma fazenda que até então lhe era desconhecida, conheceu um aparato, que lhe pareceu moderno, de admirável desempenho: um moinho de pedra movido por uma roda d'água. A água vertente de uma bica movia uma roda, que por meio de um eixo longo e uma engrenagem girava uma pedra cilíndrica, com base cônica, que se apoiava na cavidade também cônica de outra pedra maior. O movimento de um cone sobre o outro era capaz de triturar milho debulhado para produzir um fubá de granulação uniforme, muito superior ao fubá tradicional produzido em pilão nas fazendas de Goiás. A invenção encantou Herculano. Informaram-lhe que o moinho podia ser comprado em Uberaba, e que o vendedor o entregava montado, pronto para uso. Observou a bica d'água que movia a roda e concluiu que tinha como instalar outra igual no rego d'água que descia o declive do seu quintal.

No dia combinado, chegou o moinho que os dois técnicos instalaram com a ajuda de empregados de Herculano. Averiguado o seu perfeito funcionamento, o técnico responsável deu uma última instrução: não se pode deixar o moinho girar sem milho, pois isso danifica as mós. Herculano acompanhou os técnicos até a casa, onde lhes serviu um último café com biscoitos. Sua mente se turvara com a advertência, mas suas únicas palavras tinham o propósito de confirmar algo que intuía.

– O que é mós?

– As pedras do moinho.

Não indagou mais nada, pois não era dado a perguntar coisas que imaginava dever saber. Mas logo que os técnicos se foram, sua mente mergulhou em cálculos que confirmaram e até agravaram os motivos de sua preocupação. O moinho moía dois sacos de milho por hora, o que resultava em quarenta e oito sacos na roda do dia. Em um mês, mil quatrocentos quarenta sacos, uma pequena montanha de milho. Em um

ano, coisa de dezessete mil e trezentos sacos, uma cifra acima da sua capacidade de imaginação. Passou o resto da tarde matutando sobre a medonha tarefa de prover milho para o moinho. Destacou três peões para a função de suprir, dia e noite, milho para a moenda e ensacar o fubá produzido. Na manhã seguinte, montou em seu melhor cavalo e percorreu a vizinhança em busca de milho para comprar. Com muita insistência e oferta de preços atraentes, obteve o bastante para mais de dois meses, mas atormentava-o desafio de sustentar seu extravagante devorador de grãos. Sabia que até a colheita do próximo ano não haveria como comprar mais milho daqueles vizinhos. Vender o fubá não lhe pareceu problemático, pois Goiás Velho supria-se principalmente de fubá trazido de longe, e havia ainda as cidades da vizinhança.

Herculano vendeu sua porcada, o que lhe pouparia seis sacos de milho por dia. Resolveu vender parte do gado e plantar milho em toda a terra de pastagem propícia para lavoura. Calculou que colheria umas quatro mil sacas por ano. Mandou erguer um galpão maior para armazenamento de milho e fubá. Foi à cidade e negociou com comerciantes um fornecimento semanal do seu belo produto. Alguns eram pequenos atacadistas, fornecedores de vendeiros de Goiás Velho e de cidades vizinhas. O escoamento do fubá estava arranjado, restava prover o milho, o que era bem mais difícil. O moinho revelou ser uma pequena usina capaz de suprir de fubá uma ampla região, o que rendeu a Herculano uma distinção muito honrosa na comunidade local. Vizinhos e até mesmo moradores longínquos o visitavam com o propósito de ver com os próprios olhos o novo avanço da engenharia. As exclamações eram enfáticas e os elogios eram sinceros, às vezes até solenes. Alguns atestavam a intenção de ampliar a roça de milho. Mas, para Herculano, o sentimento de orgulho era nublado e sobejamente neutralizado pela consciência de que se tornara um escravo do seu engenho. Começou a visitar fazendeiros mais distantes. A estes, e também a cavaleiros que encontrava nas estradas, depois de um dedo de prosa sempre perguntava se não tinham algum milho para vender. Para transportar o milho adquirido, teve de comprar mais um carro de bois, além de duas dezenas de bois carreiros para rodízio nos dois carros, pois as viagens eram estafantes. Passou a incentivar o plantio de milho na vizinhança, onde a maioria dos fazendeiros só plantava para consumo próprio. Por que não se planta mais milho? Tá provado que é a lavoura mais lucrativa, argumentava com sua fala poderosa, que ganhou um tom de pregação. Reforçava o discurso com promessa de pagamentos mais atraentes para o milho que lhe fosse oferecido. Mas a resposta costumava ser uma concordância sem compromissos. Herculano sabia como é difícil mudar o hábito de fazendeiros. Sua vida passou a centrar-se no esforço de comprar milho, mas o suprimento nunca bastava. Em algumas oportunidades, teve de encomendar milho a atacadistas da cidade, o que sempre resultava em custos que anulavam o seu lucro. Um atacadista mais avaro só aceitava trocar milho por igual peso de fubá, uma exploração sovina de uma situação de embaraço. A ideia de remoer o fubá produzido não funcionou, pois o pó tinha uma propensão a se emplastar em beijus que não se desagregavam. O expediente de trocar o milho dado às galinhas por fubá resultou em economia ínfima, mas qualquer ganho não deixava de ser uma conquista moral. Herculano recorreu à ajuda e ao conselho de dois benzedores, e finalmente apelou ao próprio bispo, neste caso sem mencionar as instâncias anteriores.

Em coisa de três anos, Herculano ganhou um semblante turvo. Tornou-se grosseiro no trato dos empregados e familiares. Não dava prosseguimento a conversas alheias ao que havia se transformado em seu drama particular. Teimoso até o tutano, resistiu à ideia sugerida por alguns amigos de deixar que o moinho se corresse pela falta de milho, pois tal derrota lhe soava como uma desonra. Um dos seus orgulhos sempre fora o respeito da vizinhança pela posse de um espírito inovador.

Certa manhã, a fazenda viveu um novo e inesperado infortúnio. Uma velha e até então saudável mulata, moradora do casarão e responsável por incessantes tarefas, foi ao rego d'água lavar uma trouxa de roupas. Talvez por morte repentina, caiu no rego e foi levada à cabeceira da bica. Correu o alarme e Herculano foi um dos primeiros a acorrer. Enquanto todos especulavam sobre o acontecido, Herculano teve sua atenção colhida por algo que lhe pareceu ter importância maior. O corpo da mulher, estancado na entrada da bica, reduzira o fluxo da água a ponto de fazer cessar o movimento da roda e, conseqüentemente, também do moinho. Para indignação de todos, Herculano não deixou que retirassem da água o corpo da velha, que se putrificou e finalmente se decompôs sobre a água. Houve consternação e surgiram as primeiras dúvidas sobre a saúde mental de Herculano. Um mês de economia de milho foi muito significativo para a exaustiva rotina do fazendeiro, que meditou detidamente sobre o ocorrido. Depois de variadas ponderações, além da procura de milho, passou a sair também à compra de velhas. “Não tem alguma velha pra me vender? Uma sogra ranheta ou alguma tia imprestável? Me surpreende que não tenha, pois em quase toda fazenda vejo alguma velha que representa mais despesa e amolação do que serventia.” Os vizinhos encaravam Herculano com olhar assustado, que ele parecia ignorar inteiramente. Mas um ou outro não considerou a questão inteiramente imprópria, pois três outras velhas encontraram seu fim nas águas do rego. Uma onda de alarme correu pela vizinhança. Questionavam por que as autoridades não punham fim a tamanho desatino. Segundo versões que ouvi, a mulher de Herculano era filha bastarda de um membro distinto da família Ludovico, que dominava a política goiana, e esse laço de sangue conferia imunidade ao fazendeiro.

Uma última vítima apareceu certa manhã boiando na boca da bica. Tratava-se de uma ex-escrava que vivia na fazenda de Herculano e que, embora muito idosa, ainda prestava pequenos serviços voluntários. Era especialmente estimada pelo seu gosto e dom de narrar um passado que capturava o interesse das pessoas. Contava as histórias em tom tão suave e conformado que a brutal realidade dos fatos quase se extinguiu com a narração. Pode ser que essa morte tão singularmente torpe tenha exacerbado uma indignação que só se manifestava à boca pequena, e a comoção gerada acabou encerrando o macabro caminho pelo qual Herculano tinha se enveredado. Coisa de uma semana depois, apareceu na fazenda um veículo do qual desceram um sargento e dois soldados. O sargento conversou brevemente com Herculano, que não resistiu à intimação de acompanhá-lo até o moinho. Tiraram a velha do rego, o que repôs em movimento a terrível roda d'água. As últimas palavras de Herculano foram o alarmado alerta “Não tem milho no moinho!” O sargento foi à roda d'água e moveu uma trava que fez cessar seu movimento. Herculano observou o ato mágico com olhos alucinados. Com a ajuda dos soldados, o sargento pôs em Herculano uma camisa de força. Conduziu-o pela leve ladeira explicando à pequena assistência: “Irá para o hospício do estado. Não sou médico, mas este me parece ser um desses casos que nenhum tratamento resolve.”